

# O FSM no rumo de uma virada

**ANÁLISE** Ascensão de governos oriundos de movimentos populares impõe a busca de novas formas de articulação entre membros do Fórum

Bernard Cassen

NESTE PEQUENO escritório do *Le Monde Diplomatique* em Paris, onde, no dia 16 de fevereiro de 2000, foram lançadas as bases do que viria a ser o Fórum Social Mundial (FSM), nenhum dos presentes (além do autor destas linhas, na época diretor geral do jornal e presidente da ATTAC França, Chico Whitaker e Oded Grajew, respectivamente secretário da Comissão Justiça e Paz da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB e dirigente da Associação Brasileira de Empresários pela Cidadania - CIVES, assim como suas senhoras) poderia imaginar que um novo ator da vida política internacional iria assim entrar em cena. Tudo foi muito rápido, pois o primeiro FSM aconteceu um ano depois, em Porto Alegre.

Essa rapidez na passagem da ideia à ação foi uma notável proeza do comitê de organização brasileiro que tinha se constituído para a circunstância. Em um artigo publicado em agosto de 2000 ("Davos? Não, Porto Alegre", *Le Monde Diplomatique*, agosto de 2000) e que contribuiu de maneira decisiva para credibilizar e lançar internacionalmente o futuro Fórum, Ignacio Ramonet escrevia: "Em 2001, Davos terá um concorrente muito mais representativo do planeta tal como ele é: o Fórum Social Mundial, que se reunirá na mesma data [de 25 a 30 de janeiro] no hemisfério sul, em Porto Alegre". Ele acrescentava, a partir dos elementos de que dispunha naquele momento, que era esperado "entre 2 e 3 mil participantes, portadores das aspirações de suas respectivas sociedades". Mas, para surpresa geral, mais de 20 mil delegados se encontraram seis meses depois na capital gaúcha.

## Antineoliberalismo

A reação anti-Davos tinha contado plenamente nessa mobilização. A proximidade voluntária do título dos dois fóruns – Fórum Econômico Mundial ou World Economic Forum (WEF) para Davos e Fórum Social Mundial para Porto Alegre – e a deliberada simultaneidade das datas dos dois agrupamentos tinham constituído grandes trunfos midiáticos. O fundador e presidente do Fórum de Davos, Klaus Schwab, constatou isto amargamente, se queixando do "desvio negativo" do renome do WEF.

É contra tudo o que representava Davos que se definiram os primeiros FSM, numa postura de denúncia do neoliberalismo e de resistência aos seus malefícios

Simbolizando a potência e a arrogância da finança, o desprezo pela democracia e pela sociedade, Davos constituía um alvo perfeito para os movimentos sociais e cidadãos. Já em janeiro de 1999, em plena sessão do WEF, várias entidades, entre elas o

## Quanto

20 mil pessoas foram a Porto Alegre em 2001 para participar do primeiro FSM

Fórum Mundial das Alternativas (FMA) e a ATTAC, tinham organizado um seminário de dois dias em Zurich, seguido de uma conferência de imprensa sobre o tema de "Outro Davos", numa estação de ski suíça. Qualquer manifestação era com efeito praticamente impossível nas suas ruas estreitas e com neve em razão do controle policial e militar.

As coisas se complicaram com a chegada ao poder de governos procedentes de movimentos populares, colocando em ação políticas de ruptura com o neoliberalismo

É contra tudo o que representava Davos que se definiram os primeiros FSM, numa postura de denúncia do neoliberalismo e de resistência aos seus malefícios. Eles se situavam igualmente como um prolongamento dos combates zapatistas (em particular do Encontro Intergaláctico de Chiapas de 1996); da luta vitoriosa, em 1998, contra o Acordo Multilateral sobre Investimentos (AMI), preparado em segredo pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), cujo texto o *Le Monde Diplomatique* tornou público na França; e, evidentemente, da grande mobilização de Seattle contra a Organização Mundial do Comércio (OMC) em dezembro de 1999.

## Propostas

Em uma segunda etapa, os fóruns tornaram-se mais propositivos, o que se traduz lexicalmente pelo abandono do termo "antimundialismo" em proveito de "altermundialismo". Ou seja, a passagem da refutação à proposição, o que correspondia melhor à palavra de ordem dos fóruns: "Um outro mundo é possível". Essa evolução se efetua sem nenhuma modificação das regras de funcionamento do FSM, codificadas na Carta de Princípios elaborada em junho de 2001. Nesse documento de referência, o Fórum é definido como um espaço e como um processo, e absolutamente como não sendo uma entidade. Trata-se de preparar um lugar de trocas, de diálogo, de elaboração de proposições, de implementação de estratégias de ação e de constituição de coalizões de todos os atores sociais que recusem a globalização liberal. Mas cada uma dessas iniciativas engaja somente as organizações que querem se implicar nelas, e não o conjunto das organizações presentes no Fórum.

O FSM não assume posições enunciando tal, não há "comunicado final" de suas reuniões. Existem somente textos adotados fora do FSM, mas não textos do FSM nem de suas declinações continentais (como os



fóruns sociais africanos, europeus etc.). Essa fórmula aberta permitiu incorporar progressivamente forças novas – sindicatos "reformistas", organizações não-governamentais (ONGs), movimentos indígenas, feministas, ecológicos, religiosos etc. – que aceitavam fazer um trecho do caminho com elementos mais radicais, mas que não queriam se deixar ultrapassar por eles.

## Horizontalidade

De um FSM à outro, centenas de proposições foram assim adotadas (mais de 350 somente no Fórum de Porto Alegre, em 2005), mas sem nenhuma hierarquia nem articulação entre elas. Tudo o que infringia o princípio de "horizontalidade" (todas as proposições têm um estatuto equivalente) e tudo o que aparecia como "vertical" (por exemplo, uma plataforma estabelecendo coerência entre diferentes proposições complementares, mas espalhadas) foi combatido por uma fração influente dos organizadores brasileiros dos fóruns e dirigentes de ONGs que viam aí o início de um programa político, ou a criação mesmo de uma nova Internacional!

É assim que o Manifesto de Porto Alegre, base de 12 proposições – resultado de debates, fazendo ao mesmo tempo sentido e projeto – apresentadas em Porto Alegre em 29 de janeiro de 2005 por 19 intelectuais dos quatro continentes (entre os quais dois Prêmio Nobel), foi criticado em seu princípio por numerosos guardiões autoproclamados da ortodoxia do "Fórum". Uma sorte idêntica foi ulteriormente reservada, pelos mesmos,

Em uma segunda etapa, os fóruns tornaram-se mais propositivos, o que se traduz lexicalmente pelo abandono do termo "antimundialismo" em proveito de "altermundialismo"

ao Chamado de Bamako, documento programático com vocação planetária, redigido após um encontro organizado pelo Fórum Mundial das Alternativas, que havia reunido 200 intelectuais e representantes de movimentos sociais, a maioria da África e da Ásia, nas vésperas do FSM descentralizado realizado na capital do Mali em janeiro de 2006.

Em aplicação da leitura rigorosa que fazem alguns da Carta de Princípios de 2001, os fóruns seriam assim condenados a apresentar, em uma ordem dispersa, uma quantidade imensa de proposições às estruturas da ordem dominante, que, dos governos às instituições multilaterais (Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial, OMC, OCDE), sem falar

da Comissão Europeia, fazem, elas sim, prova de uma coesão sem falha na imposição dos dogmas liberais.

## Um passo à frente

Essa recusa voluntária de pensar coletivamente, a partir de uma plataforma internacional comum, sobre os atores do campo político, ficando fora da esfera eleitoral, explica o desgaste da fórmula dos FSM. E isso apesar de continuarem a reunir dezenas de milhares de participantes locais, vindos frequentemente por curiosidade, como foi o caso de Bélem, em janeiro de 2009. Muitos foram se interrogando sobre os resultados políticos concretos desses encontros e sobre a maneira pela qual eles podem contribuir para a ascensão de um "outro mundo possível".

As coisas se complicaram com a chegada ao poder, na América Latina (Bolívia, Equador, Paraguai e Venezuela), de governos procedentes de movimentos populares, colocando concretamente em ação, evidentemente com altos e baixos, políticas de ruptura com o neoliberalismo – tanto em nível nacional como internacional – tais como as apresentadas nos fóruns. Qual atitude adotar em relação a eles? É preciso ser solidários a eles, que isso fosse feito caso a caso? Ou então ficar de braços cruzados e olhar para outro lugar, com o pretexto de que se tratam de governos, logo, por essência, suspeitos, e por essas razões é preciso manter distância.

Esse comportamento remete a uma ideologia libertária difusa, mas muito presente em numerosas organizações. Ela foi teorizada particularmente por John Holloway, em um obra de título explícito: *Mudar o mundo sem tomar o poder* (Boitempo, São Paulo, 2003). A palavra poder é, aliás, ausente do vocabulário de numerosos atores, salvo para ser estigmatizada, muito frequentemente em reação às derivas totalitárias dos Estados-partidos. Em revanche, supõem-se que o contrapoder e a desobediência civil são as alavancas privilegiadas da transformação. Uma tal postura torna-se dificilmente sustentável quando, por exemplo, na ocasião da Conferência de Copenhague, a Aliança Bolivariana para os Povos de Nossa América (Alba), que agrupa nove Estados latino-americanos e do Caribe, toma posições que convergem com as das coalizões de ONGs, exigindo a justiça climática, e coloca diretamente em questão o capitalismo.

## Pós-altermundialismo

O novo contexto internacional vai impor, e isso também para a concepção dos fóruns sociais, a procura de novas formas de articulação entre movimentos sociais, forças políticas e governos progressistas. Uma palavra foi proposta para caracterizar essa evolução: o pós-altermundialismo, que não substitui o altermundialismo, mas constitui um outro agrupamento possível. No Fórum de Bélem, pudemos ver um primeiro esboço dessa iniciativa pós-altermundialista no diálogo entre quatro presidentes latino-americanos – Hugo Chávez (Venezuela), Rafael Correa (Equador), Fernando Lugo (Paraguai) e Evo Morales (Bolívia) – e representantes de movimentos sociais do subcontinente.

Este diálogo vai se aprofundar com a participação crescente de chefes de Estado (como, sem dúvida, a do presidente Lula) por ocasião do fórum social temático da Bahia, previsto para Salvador entre os dias 29 e 31 de janeiro (o Brasil também sedia, entre os dias 25 e 29 de janeiro, na Grande Porto Alegre, o Fórum Social Mundial 10 anos). Ela deverá se prolongar no próximo FSM de Dakar (Senegal) em 2011. Em uma reunião preparatória organizada na capital senegalesa em novembro de 2009, os movimentos sociais do continente exprimiram a vontade de fazer evoluir o FSM. Vieram ao debate formulações como a da necessidade de fazer dele "um espaço de alianças com crédito", e não "um mercado da sociedade civil", para "definir uma nova relação com os atores políticos" com vistas à "construir uma alternativa". É na África que certamente se consolidará a necessária virada "pós-altermundialista" dos fóruns sociais.

Bernard Cassen é presidente de honra da ATTAC França e secretário geral da Mémoire des Luttes.

Tradução: Douglas Estevam